

ALGODÃO EM GOIÁS

A cultura algodoeira goiana começa a sair do estágio "caseiro" para entrar na fase da exploração comercial. Em verdade, até há pouco tempo, o cultivo do algodão era feito ali, com o objetivo de atender às necessidades imediatas da família. Plantava-se, por assim dizer, no quintal, as variedades nativas ou, de longo tempo conhecidas na região como o "verdão" o "rim de boi", o "crioulo" o "ganfa" etc. As roças eram incumbidas de fiar esse algodão.

Hoje, entretanto, o que se observa são as culturas extensas, e modernas máquinas de benefício. Neste ano, nota-se aí, um verdadeiro "rush" para o algodão, com um aumento da área plantada de cerca de 40% em relação ao plantio anterior. Grandes firmas algodoeiras como a Anderson Clayton e a Sanbra voltam suas vistas para essa região. Em setembro do ano passado começou a funcionar em Anápolis u'a máquina da primeira dessas firmas, estando em cogitações a construção de outra em Goiânia.

Características da cultura :- Uma rápida síntese da situação atual do algodão em Goiás pode ser assim descrita: É plantada uma série enorme de variedades como "Campinas" "Texas" (fornecida pelo Ministério da Agricultura) "crioulo", "ganga", "rim de boi" etc. Muitas vezes elas se acham misturadas no mesmo campo. Entre os lavradores mais atrazados existe a variedade "verdão", a qual afirmam ser a mais produtiva.

Quanto ao preço das sementes é ele bem mais barato do que os da sementes de plantio em São Paulo, embora não exista ali o seguro obrigatório contra o granizo. A firma Anderson Clayton vendeu sementes para esta safra a razão de Cr\$ 51,00 a saca. Entre as sementes vendidas havia mil sacos de "Campinas" provenientes de São Paulo e que foram vendidos também a esse preço. Essa firma procura atualmente estabelecer um Campo de Cooperação para a produção dessas sementes.

Já estão presentes tôdas as pragas comuns aos algodais paulistas, como o coruquerê, pulgão, percevejo rajado, lagarta rosada etc. O granizo parece ser fenomeno climaterico pouco frequente nessa região.

Rendimento por alqueire:- Sendo limitada a superfície plantada, o rendimento é ainda muito bom, podendo ser a média avaliada em cerca de 250 arrobas por alqueire goiano (48.400 m²). Detalhe curioso é o prolongamento da colheita que se inicia em abril e vai até setembro.

Qualidade da fibra:- Segundo informações que obtivemos, a fibra dos algodões de São Paulo, ali colhidos, é boa, nada devendo às outras regiões que cultivam as mesmas variedades.

Estimativa da safra atual:- Como já dissemos, a área plantada este ano foi aproximadamente 40% superior à do ano anterior. Em virtude das deficiências de dados, torna-se muito difícil avaliar o volume da presente safra. Pelas informações que obtivemos, estimamos em 1.500.000 arrobas de algodão em caroço, o volume a ser colhido.

Dificuldades para a implantação da cultura :- O aspecto encorajador da expansão da cotonicultura goiana é entretanto empanado por uma série de deficiências de organização. Algumas dessas deficiências são decorrências naturais dessa fase incipiente, sendo portanto de fácil remoção. Outras são de natureza grave e estão a reclamar imediatas providências afim de se evitar o estabelecimento dessa cultura em bases defeituosas, que serão dificilmente sanáveis quando ela atingir um estágio de desenvolvimento mais elevado.

Dentre as deficiências que devem ser sanadas para a implantação da cotonicultura goiana em bases racionais, destacam-se:

- a) Falta de controle das sementes plantadas. As sementes que se vendem aos lavradores são as piores possíveis. Tivemos ocasião de examinar nos armazens de uma firma de Anápolis, uma sobra das sementes que foram vendidas este ano aos produtores; num mesmo saco encontravam-se sementes de quatro ou mais variedades de algodão.
- b) Ausência de um organismo encarregado da produção de sementes selecionadas. É evidente que enquanto não se possuir meios de fornecer boas sementes aos lavradores, qualquer medida de con